

“[...] Ora, o objetivo de uma pesquisa interpretativa é frequentemente este: levar um autor a dizer explicitamente aquilo que não dissera, mas que não deixaria de dizer se alguém lho perguntasse. Em outras palavras: mostrar como, confrontando várias afirmações, deve emanar aquela resposta nos termos do pensamento estudado. O autor talvez não o tenha dito por parecer-lhe demasiado óbvio ou porque – como no caso de São Tomás – jamais tratara organicamente o problema estético, falando dele como incidente e dando o ponto por pacífico.”

Humberto Eco in *Como se faz uma tese*

### Por dentro da mente de Leonardo da Vinci – Entrevista imaginária

Por Luiz Henrique Quemel



“Leonardo di ser Piero da Vinci (Anchiano, 15 de Abril de 1452 — Cloux, Amboise, 2 de Maio de 1519) foi um pintor, arquiteto, engenheiro, cientista e escultor do Renascimento italiano. É considerado um dos maiores gênios da história da Humanidade. Não tinha propriamente um sobrenome, sendo "di ser Piero" uma relação ao seu pai, "Messer Piero" (algo como D. Pedro), e "da Vinci", uma relação ao lugar de origem de sua família, significando "vindo de Vinc”.

O que está escrito no parágrafo acima foi copiado da enciclopédia virtual *Wikipedia*. Como então falar de criatividade e genialidade de um homem, se o texto que ora se apresenta incorre nos mesmos erros que Leonardo da Vinci sempre combateu: a mediocridade.

Fomos encontrar Leonardo em seu atelier, situado nas colinas da Toscana. O ambiente é rústico, mas cercado de aparatos tecnológicos. Com um notebook à mão, digita freneticamente algumas linhas. Levanta o olhar sob a tela do laptop e solícito, se apresenta:

- Prazer, sou Leonardo, como posso lhe ajudar?

**Quemel:** Prazer, Messer Leonardo, o senhor poderia contribuir para uma palestra sobre estagiários?

**Leonardo da Vinci:** Claro, pois também sou um estagiário no mundo.

**Q:** Não entendi, como um dos maiores gênios da humanidade pode ter sido um estagiário.

**LV:** Filho, lembra-te onde comecei a desenvolver minhas habilidades?

**Q:** Sim, no atelier de Verrocchio.

**LV:** Tu podes até dar-lhe esse nome glamoroso (risos), mas naquela época tinha o nome de oficina. Era nesse ambiente onde o trabalho em equipe e o respeito pela diversidade era preservado pelos mestres. Não tínhamos o ambiente de competição predatória como nas corporações modernas (se referindo às empresas). Na oficina de mestre André reinava a coopetição (uma espécie de cooperação competitiva). Curiosidade era a única exigência para os novos aprendizes, caso contrário o mundo não teria conhecido Sandro (referindo-se a Boticelli). Vejo que em algumas corporações o estagiário não passa de mão-de-obra barata, servindo apenas para reduzir custos na contratação de verdadeiros profissionais.

**Q:** Messer Leonardo, atualmente os estagiários vivem a “síndrome do biscoito”, não arranjam estágio porque não possuem experiência e nem possuem experiência porque não arranjam estágio. Como sair desse dilema?

**LV:** Filho, não é um dilema, pois o conceito deste permite uma saída favorável. Estamos diante de um impasse, situação mais difícil.

**Q:** Messer Leonardo, se apenas “parece” então como resolver o problema?

**LV:** Filho, não precisas me chamar de Messer.

**Q:** Se o senhor evitar me tratar como “filho” (risos), aquiesço ao pedido.

**LV:** A ideia para amenizarmos o problema da “síndrome do biscoito” é superarmos a “cultura do atalho”. Os estagiários estão impregnados de experiências do tipo: “como detonar no currículo”, “como se dar bem na seleção”, “como ler a mente do entrevistador”, “como isso”, “como aquilo”, que acabam por ser engolidos pela cultura do atalho. Grande parte não constrói mais nada, tudo já está pronto: currículo, entrevistas, respostas, etc.

**Q:** Os aprendizes estão sobrecarregados de conceitos de autoajuda?

**LV:** Intoxicados de tantas formulas prontas de sucesso, essa é a verdade. E os recrutadores também. Ou tu achas que tudo que é publicado visando queimar etapas não é de conhecimento dos profissionais selecionadores?

**Q:** Se há tantas receitas de sucesso, por que então conseguir estágio fica cada vez mais difícil? Como conseguir a tão desejada experiência?

**LV:** Voltamos ao ponto inicial: “como fazer isso”, “como fazer aquilo”. Não há respostas prontas. O estagiário deve sair da posição de “estagnário” e passar para o papel de curioso profissional. Mudar a forma de pensar. Alguns ainda pensam como se estivessem na era das cavernas, ou seja, veem apenas uma única realidade, linear.

Por que o trabalho de um estudante ao colaborar na preparação de eventos na semana acadêmica em sua escola deve ser desconsiderado? Por que a digitação de fichas cadastrais é valorizado apenas porque consta na caderneta de trabalho?

**Q:** Então um *currículum vitae* (CV) não tem valor? Devemos desprezá-lo? Mas quem não possui nenhuma experiência?

**LV:** Estagiário até pela pouca experiência não tem mesmo CV, mas com certeza possui um *portfólio* de realizações. Em muitos casos ele é superior ao *currículum*. Muito superior. Imagine um estudante que ao colaborar na semana de tecnologia de sua escola, desenvolveu vários papéis: negociador, assessor de imprensa, líder, responsável pelo sistema de banco de dados, organização dos estudantes. Isso não ficará registrado na caderneta de trabalho nem no CV, mas é muito superior quando contido no *portfólio* de realizações.

**Q:** Quer dizer que isso seria um CV de realizações para os alunos?

**LV:** Detesto alunos.

**Q:** Que me diz?

**LV:** Alunos deveriam ser escorraçados das escolas, deixando lá apenas estudantes. “A” significa sem e “*lunus*” é luz. O que temos hoje são alunos, isto é sem-luz, sem curiosidade. Devemos formar estudantes, eternos aprendizes.

**Q:** Sinceramente? Não entendi essa diferença entre aluno e estudante. Poderias ser mais claro?

**LV:** Vamos então encarar a questão de outro ângulo. A escola superior prepara com eficiência para o emprego, mas não prepara com eficácia para o mercado de trabalho. Ao final de quatro ou cinco anos o recém-formado recebe um diploma que lhe atesta estar pronto para o emprego. Isto é eficiência. Não o prepara, no entanto para o mercado de trabalho, isto é, com autonomia suficiente para modificar esse mesmo mercado. Isto seria eficácia. No futuro,

haverá muito trabalho, mas com poucas vagas de emprego. Esse aluno confunde emprego com trabalho e acha que a única forma de obter renda é por intermédio do emprego, do pleno emprego para ser mais exato.

**Q:** O que seria então esse pleno emprego?

**LV:** É o labor organizado de tal forma que o trabalhador não precisa se preocupar em reunir uma atividade produtiva. Junto com essa forma viriam também caderneta assinada, férias, descanso semanal remunerado, 13º, plano de saúde, plano de aposentadoria dentre outros benefícios.

**Q:** Seria a tão famosa empregabilidade?

**LV:** Não, empregabilidade é outro conceito muito mais antigo que começa a dar sinais de fraqueza conceitual. No último concurso público realizado na França foi preciso utilizar o *Stade de France* (estádio de futebol localizado no bairro de Saint Denis) para comportar os inscritos. Isso significa que a tese da empregabilidade começa a perder peso, pois as pessoas querem sobretudo, segurança. E isso, o atual mercado de trabalho não pode mais oferecer, a não ser no âmbito do Estado.

**Q:** Mas isso ainda não resolve o problema da experiência.

**LV:** Resolve em parte sim, pois o acesso ao emprego público é democrático, tanto faz se tu possuis pós-doutorado na Sorbonne ou se é apenas um recém-formado em Serviço Social: tuas chances são iguais para receberes um salário de 7.200 florins (cerca de R\$ 6.5 mil se convertido para reais).

**Q:** Qual seria o outro problema?

**LV:** A tese da empregabilidade incita ao que chamo do “choque de ampuheta”. O mercado diz que ele não pode ficar muito tempo numa só empresa, caso contrário perde as oportunidades de ascensão na carreira. O que se vê são jovens na casa dos 20 e poucos anos que não conseguem permanecer na empresa por mais de dois anos. E o motivo é muito simples: querem tornar-se presidente, pois o manual da empregabilidade diz que se em cinco anos não chegarem ao topo são fracassados.

**Q:** Caro Leonardo, e por acaso é pecado querer chegar ao topo ainda jovem?

**LV:** Pecado, não, mas em nosso tempo, um crime contra a própria pessoa. Sair de uma graduação e fazer um MBA? Que experiências levará? Para chegar aonde cheguei tive que realizar um matrimônio.

**Q:** Pelo que pesquisei o senhor nunca se casou.

**LV:** não com uma mulher, mas com minha arte, minha ciência, meus ideais. Assim como no matrimônio, também na carreira profissional existe analogia. Há a época do namoro, noivado e finalmente o casamento. O que ocorre atualmente é que a geração digital quer apenas “flertar”, “ficar” com a carreira assim como faz com seus pares. Ai vem o choque da ampulheta: levam-se em média 10 anos para se conseguir requisitos de credibilidade, competência e legitimidade entre os pares profissionais. Hoje, os recém-formados aguentam no máximo dois anos, depois partem para os atalhos na carreira. Há alguns que nem sequer esperam sair da Academia. Deixam-se seduzir por propostas mirabolantes e de ganho fácil que ao final do curso, ao invés do anel de graduação, recebem um par de algemas. Abandonam a Academia e ganham ficha criminal (referindo-se aos alunos cooptados pelo crime organizado, principalmente estudantes de Direito e Computação).

**Q:** O que um gênio da humanidade poderia dizer aos estudantes de todo o mundo?

**LV:** Você errou em empregar esse termo: gênio. Não se concebe mais no mundo moderno esse termo. Quem pode ser hoje considerado gênio: quem ganha um prêmio Nobel pelas legítimas pesquisas que auxiliam a humanidade ou alguém que em nome de um ideal luta para que a humanidade seja autônoma? A inexorável história sempre nos mostra que o Homem tem o poder de provocar revoluções quando é sua liberdade e autonomia estão em jogo. Foi assim no passado, o é no presente e será no futuro. A vida não se resume apenas numa carreira profissional, ela faz parte da vida pessoal. Sucesso é um conceito relativo. Para uns pode ser o cargo de presidente da empresa, para outros o simples ato de constituir uma família é motivo de vitória infinita. A natureza é sábia e não dá saltos, não revoluciona, apenas evolui lenta, porém firme.



## **BIBLIOGRAFIA - RELAÇÃO COM A DISCIPLINA**

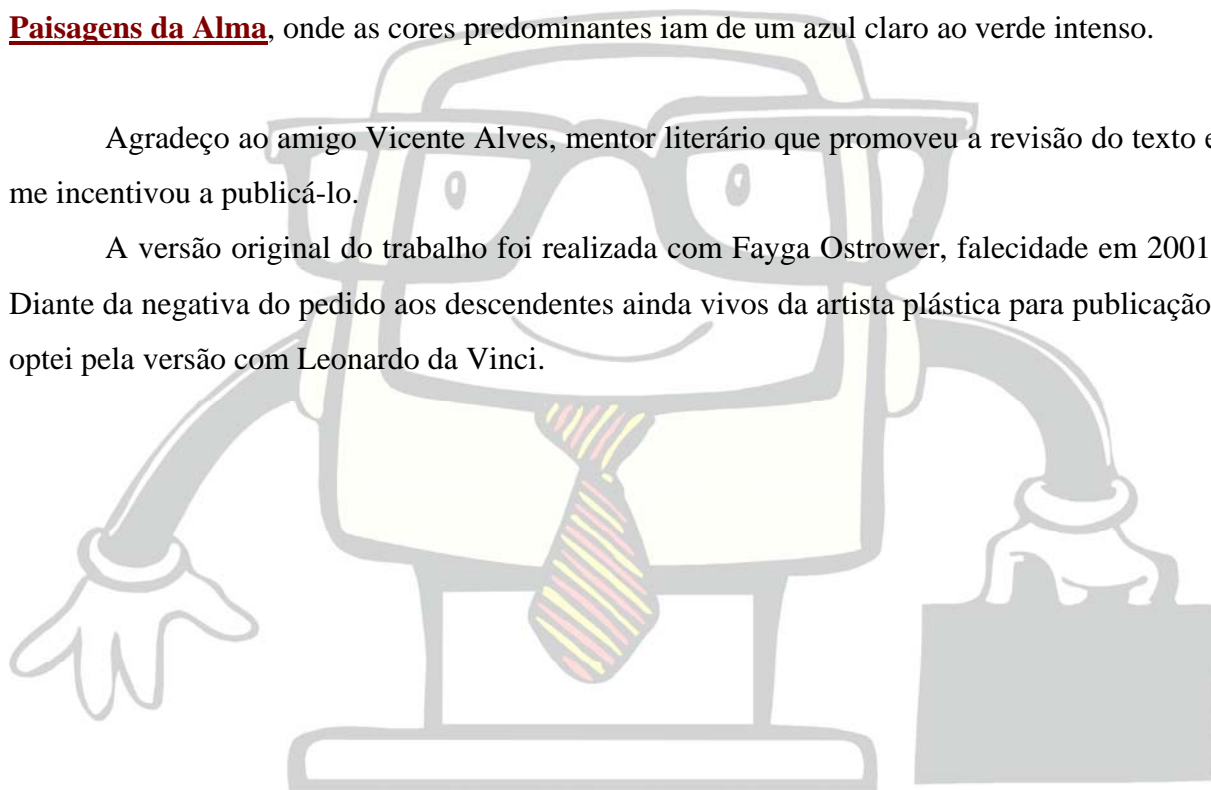
O presente trabalho foi um exercício jornalístico de ficção histórica articulado com os conceitos expostos na disciplina Elementos de Estética em Comunicação (1º semestre de 2006 – Prof.º Newton Scheufler) no curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Católica de Brasília (UCB).

Para cumprir com seu objetivo foi realizada uma pesquisa interpretativa, levantamento bibliográfico e usadas as técnicas de análise do discurso, análise de conteúdo, leitura inferencial e rastreamento ambiental para compor as prováveis respostas de Leonardo da Vinci às perguntas formuladas.

Dia 15 de abril de 2006, Leonardo da Vinci “me recebeu” no seu Atelier-escola **Paisagens da Alma**, onde as cores predominantes iam de um azul claro ao verde intenso.

Agradeço ao amigo Vicente Alves, mentor literário que promoveu a revisão do texto e me incentivou a publicá-lo.

A versão original do trabalho foi realizada com Fayga Ostrower, falecida em 2001. Diante da negativa do pedido aos descendentes ainda vivos da artista plástica para publicação, optei pela versão com Leonardo da Vinci.



## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Antônio Suárez, O Design da Escrita – Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção, Ateliê Editorial, São Paulo, 2008.
- ALTMAN, Fábio, A arte da entrevista, Boitempo Editora, 2ª edição, São Paulo, 2004.
- BARDIN, Laurence, Análise de Conteúdo, Ed. 70, 3ª edição, Lisboa, 2004.
- Boccardo e Tello, Johana A. e Antônio, Meu nome é Leonardo da Vinci, Publifolha, São Paulo, 2004.
- BRASILEIRO, Marislei Espíndula, Leonardo da Vinci – A Alma de um Gênio, Lúmen Editorial, São Paulo, 2004
- BUCHHOLZ, Elke Linda, Leonardo da Vinci – Vida e Obra, Konemann, Lisboa, 2001.
- CAPRA, Fritjof, A Ciência de Leonardo da Vinci – Um mergulho profundo na mente do grande gênio da Renascença, Editora Cultrix, São Paulo, 2007
- CLARK, Kenneth, Leonardo da Vinci – Biografia Ilustrada, Ediouro, Rio de Janeiro, 2001.
- COSTA, Wagner Veneziani, Anotações de DA VINCI por ele mesmo, Madras Editora, São Paulo, 2004.
- DEMO, Pedro, Pesquisa e Construção do Conhecimento – Metodologia científica no caminho de Habermas, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1994.
- ECO, Humberto, Como se faz uma tese, Editora Perspectiva, 10ª edição, São Paulo, 1993.
- FISCHER, Ernst, A necessidade da arte, Editora Guanabara, 9ª ed., Rio de Janeiro, 2002.
- GELB, Michael J., Da Vinci decodificado – Descobrimos os Segredos Espirituais dos Setes Princípios de Leonardo, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.
- HART e HELLARD, Tony e Susan, Leonardo da Vinci – Coleção Crianças Famosas, Callis Editora, São Paulo, 1994.
- HERBERT, Janis, Leonardo da Vinci para Crianças, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- KEMP, Martin, Leonardo da Vinci, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- MARIA, Júlio, Palavra Cruzada – O Jogo da Entrevista, Editora Seoman, São Paulo, 2007.

MEREJKOVSKY, Dimitri, A Ressurreição dos Deuses – Romance de Leonardo da Vinci, Garnier, São Paulo, 1936.

NATHANAEL e NISKIER, Paulo e Arnaldo, Educação, Trabalho & Estágio, Integre Editora Ltda., São Paulo, 2006.

OSTROWER, Fayga, Criatividade e Processos de Criação, Ed. Vozes, 18ª Ed., Petrópolis, 2004.

\_\_\_\_\_, Fayga, A Sensibilidade do Intelecto – Visões paralelas de espaço e tempo na arte e ciência – A Beleza Essencial, Ed. Campus, 6ª ed., Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_, Fayga, Acasos e Criação Artística, Ed. Campus, 7ª ed., Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_, Fayga, Universos da Arte, Ed. Campus, 24ª ed., Rio de Janeiro, 2004.

PIZA, Daniel, Perfis & Entrevistas – Escritores – Artistas – Cientistas, Editora Contexto, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_, Daniel, Jornalismo Cultural, Editora Contexto, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Cristina da Costa, A inspiração espiritual na criação Artística, Ed. CELD, 1ª ed., Rio de Janeiro, 2002.

QUEMEL, Luiz Henrique, Estagiário, sim. Estagnário, Não!, palestra, Brasília 2005.

RADETIC, Therezinha, Falando de Arte à Luz do Espiritismo, Ed. Societo Lorens, Rio de Janeiro, 1999

S. PAULO, Folha de, Leonardo Da Vinci – Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura, São Paulo, 2007.

SCHEPS, Ruth (Org.), O Império das Técnicas, Papirus Editora, São Paulo, 1996.

SIEBER, Allan, Vida de Estagiário, Conrad Livros, São Paulo, 2005.

SUASSUNA, Ariano, Iniciação à Estética, José Olympio Editora, 7ª ed., Rio Janeiro, 2005.

VEZZOSI, Alessandro, Leonardo da Vinci – Arte e Ciência do Universo, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2006.